

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL - DTO

RAFAELA CORREIA GONÇALVES

TERAPIA OCUPACIONAL E FEMINISMOS:
produções latino-americanas

São Carlos

2021

Rafaela Correia Gonçalves

TERAPIA OCUPACIONAL E FEMINISMOS:

produções latino-americanas

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Terapeuta Ocupacional pelo Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Sob a orientação da Professora Doutora Carla Regina Silva.

São Carlos

2021

Rafaela Correia Gonçalves

TERAPIA OCUPACIONAL E FEMINISMOS: produções latino-americanas

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal de São Carlos, como parte dos
requisitos necessários para obtenção do título de
Terapeuta Ocupacional.

Data da defesa: 22/ 01/ 2021.

Parecerista: Valentina Vizón

Terapeuta Ocupacional. Mestre em Terapia Ocupacional. Docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Nacional do Litoral. Diretora da área Direitos Humanos, Gênero e Diversidade da Prefeitura de Villaguay – Entre Ríos, Argentina.

São Carlos - SP, 2021

*Dedico este trabalho a todas as mulheres, principalmente
àquelas a qual fizeram parte da construção da luta pela
igualdade de gêneros.*

“Vivemos em uma sociedade que fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz; denuncia os poderes que exerce e promete libertar-se das leis que a fazem funcionar.”

(FOUCAULT, 2005)

Sumário

1. Introdução	9
2. Procedimentos Metodológicos	11
3. Resultados e Discussões.	13
4. Considerações Finais	28
Referências:	29

Terapia Ocupacional e Feminismos: produções latino-americanas

Resumo

A segunda onda do feminismo nos EUA foi um dos mais importantes movimentos que sustentou a fundação da Terapia Ocupacional, contudo a expansão da Terapia Ocupacional e a história oficial da profissão invisibilizou esse processo. Recentemente, diferentes expressões do feminismo têm estado mais presentes em debates da profissão. Este artigo apresenta uma pesquisa de revisão de literatura realizada no Portal de Periódicos da CAPES e nas revistas de Terapia Ocupacional latino-americanas, utilizando os termos “Terapia Ocupacional” e “Feminismo” com o objetivo de levantar e sintetizar os resultados de diversos estudos primários dentro da temática. Foram encontradas 27 produções científicas, sendo que 9 dessas foram inseridas, de acordo com os critérios de inclusão e de exclusão. Os textos selecionados abordam temas sobre e relacionados aos feminismos tais como: machismo, sexismo, divisão binária do corpo e do gênero, ocupações impostas ao gênero e processos históricos que cruzam o feminismo com a Terapia Ocupacional em um contexto de desenvolvimento da profissão. A Terapia Ocupacional engajada com a transformação social deve buscar romper com padrões hegemônicos de dominação e submissão. Para tanto, deve ser ativa e consciente promovendo rupturas desses processos e lutas pelas diversidades em diferentes dimensões, sendo que em relação ao gênero, assim como às identidades dissidentes, é preciso fortalecimento e coletividade em prol de uma sociedade mais possível para todas as pessoas em equidade.

Palavras-chaves: equidade, gênero, revisão de literatura, feminismo, Terapia Ocupacional.

Occupational Therapy and Feminisms: Latin American productions

Abstract

The second wave of feminism in the US was one of the most important movements that supported the foundation of Occupational Therapy, however the expansion of Occupational Therapy and the official history of the profession made this process invisible. Recently, different expressions of feminism have been more present in debates within the profession. This article presents literature review research carried out in the CAPES Journal Portal and in Latin American Occupational Therapy journals, using the terms "Occupational Therapy" and "Feminism" in order to survey and synthesize the results of several primary studies within the theme. Twenty-seven scientific productions were found, 9 of which were inserted, according to the inclusion and exclusion criteria. The selected texts address themes about and related to feminisms such as: machismo, sexism, binary division of the body and gender, occupations imposed on gender and historical processes that cross feminism with Occupational Therapy in a context of development of the profession. Occupational Therapy engaged with social transformation must seek to break with hegemonic patterns of domination and submission. Therefore, it must be active and conscious promoting breaks in these processes and fights for diversities in different dimensions, and in relation to gender, as well as dissident identities, it is necessary to strengthen and collectivity in favor of a society that is more possible for all people in equity.

Keywords: equity, gender, literature review, feminism, Occupational Therapy.

1. Introdução

“O sexo não só funciona como norma, mas também é parte de uma prática reguladora que produz os corpos que governa, ou seja, cuja força reguladora se manifesta como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, circunscrever, diferenciar – os corpos que controla”

(BUTLER, 2015, p. 12-13).

O feminismo pode ser considerado como feito e efeito da modernidade, mais precisamente do Iluminismo (Valcárcel, 2001), sendo descrito a partir de movimentos chamados como ondas. Logo na primeira onda (entre séculos XVIII e XIX) estava presente a luta pela igualdade de direitos entre os gêneros. Demanda presente na obra “Uma Reinvidicação dos Direitos da Mulher” (1792) de Mary Wollstonecraft considerada como fundacional para os movimentos feministas. Embora, seja razoável compreender que a luta por igualdade exista desde que instaurada relações de dominação e submissão em detrimento ao sexo e/ou gênero.

A segunda onda (2ª metade do século XIX e 1º terço do século XX) teve como origem o movimento pelos direitos da mulher dada a cruzada antiescravista, durante o Congresso Mundial Antiescravidão (Londres 1840). Outro marco foi a Declaração de Sêneca Falls (1848) cujas reivindicações estavam pautadas principalmente em relação ao direito do voto, reivindicando direitos civis e políticos em igualdade para homens e mulheres (Aguilar, 2020)

A Terceira Onda Feminista (2ª metade do século XX e início do século XXI) esteve marcada pela obra “O Segundo Sexo” (1949) de Simone de Beauvoir, considerado o ensaio que estabelece o feminismo depois da 2ª Guerra Mundial e considerado o mais completo sobre a condição da mulher (López, 2005). Os anos de 1970, intensificou o movimento e o slogan “o pessoal é político” denunciavam os centros de poder e dominação do homem sobre a mulher em diferentes âmbitos da vida, demarcando como os homens se beneficiam psicologicamente, sexualmente e economicamente do patriarcado (De Miguel, 2002).

A Quarta Onda Feminista (século XXI e atual) pode ser considerada todas bases teóricas e outras formas de lutas contra a violência contra a mulher, com destaque à violência sexual e prostituição (Aguilar, 2020). O lema “nenhuma menos, vivas nos queremos” tem refletido essas manifestações, principalmente no 8 de março, em todo o mundo, tendo manifestações. Aguilar (2020) aponta os seguintes indicadores para este movimento: o caráter intergeracional, com

forte presença da juventude e como fenômeno global e a compreensão de que o capitalismo neoliberal está no centro do patriarcado.

O feminismo é uma luta, não somente pela liberdade, mas também pela igualdade de gênero, incluindo as dissidências de gênero, pela reivindicação contra qualquer forma de exploração e violência. É preciso compreender as muitas formas de expressão do feminismo, sendo, portanto, muitos feminismos, movimentos de pluralidades, tanto na forma de organização, como pelo caráter social em que pode se apresentar (Morrison, Araya, 2018).

Quando crianças, uma das primeiras coisas que nos ensinam diz respeito ao que somos, sobre nossa identidade segundo o gênero: meninos ou meninas. E a partir desta descrição é imposto o que se deve vestir, como se comportar e até quais cores usar. Esta diferenciação posta desde a tenra infância, ocasiona o binarismo em muitas instâncias, inclusive a do poder, do opressor e oprimido. A mulher de forma unânime é subjugada e explorada por mecanismos de poder de um lado explícitas e violentas de outras tão sutis que propagam com naturalidade pelo meio social, sendo assim uma exploração invisibilizada.

O patriarcado atua constantemente nestas prisões de estereótipos por meio de uma complexa cadeia sistêmica de instituições como a escola, religião, trabalho, estado e principalmente na família, onde a cultura caricata do que é ser mulher é difundida. A prisão do estereótipo feminino é enraizada nas mulheres, tomando seus inconscientes, tornando cada vez mais difícil a desconstrução destes padrões.

De acordo com Valenzuela, 2017, as mulheres compartilham entre si a mesma condição de gênero, enquanto seus papéis estabelecidos socialmente, mas existe uma diferença em seus níveis de opressão. Uma mulher negra, indígena e outros grupos culturais não brancos irão experimentar explorações distintas de uma mulher branca. *“Así, es fundamental visibilizar cómo existe un tejido entre las relaciones de género y otras relaciones sociales, el cual crea mujeres distintas”* (Valenzuela, 2017).

A relação entre Terapia Ocupacional e Feminismo está presente desde seu princípio, já que a segunda onda do feminismo nos EUA foi um dos mais importantes movimentos que sustentou sua fundação, por mérito das pioneiras feministas como Jane Addams, Susan E. Tracy e Eleanor Clarke Slagle, (Morrison, 2011, Morrison, 2014). Contudo a expansão da Terapia Ocupacional e a história oficial da profissão invisibilizou esse processo. Recentemente, diferentes expressões do feminismo têm estado mais presentes em debates da profissão. Podemos destacar várias dimensões, conceitos e interesses da profissão que se beneficiariam

substancialmente das teorias, críticas e embasamento feministas, tanto para a construção de conhecimento como para a qualificação de práticas comprometidas com as rupturas de dominação patriarcal. Podemos citar como exemplos: os conceitos de ocupação, cotidiano e atividades humanas, Historicamente desempenho e papel ocupacional, a compreensão sobre ciclos e cursos de vida a partir da generificação, percepções e expressões corporais, processos de adoecimento e saúde, as dicotomias entre o privado e o público, particular e comunitário, além das relação com os processos de libertação, direitos, cidadania, emancipação e participação social. Neste sentido, o intuito deste texto é apresentar uma revisão de literatura que aborde a relação entre o Feminismo e a Terapia Ocupacional, focalizando o que terapeutas ocupacionais têm produzido, no âmbito das práticas e pesquisa sobre este tema.

2. Procedimentos Metodológicos

O estudo em que se baseia este artigo, realizou uma revisão sistemática de literatura no Portal de Periódicos da CAPES e nas revistas de Terapia Ocupacional da América Latina, a saber: Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, Revista Chilena de Terapia Ocupacional, Revista *Ocupación Humana* e Revista Argentina de Terapia Ocupacional.

Os termos de busca utilizados foram “Terapia Ocupacional” e “Feminismo”, e a seleção das publicações que tivessem os termos nos metadados: título, resumo e/ou palavras-chave. A busca foi realizada em agosto de 2020 e em janeiro de 2021 para incluir as publicações realizadas em 2020, não houve limitação em relação ao período inicial de publicação para a realização da busca.

As produções acadêmicas foram selecionadas a partir dos seguintes critérios de inclusão: 1) Apresentação de tese, dissertação ou artigo completo, 2) O texto completo disponível na íntegra 3) Possuir correlação entre Terapia Ocupacional e Feminismo, ou seja, textos que citavam o termo, mas quando não se tratava de abordar a relação entre Feminismo e Terapia Ocupacional não foram selecionados.

Sendo assim, trabalhos em formato de livros, resenhas, textos duplicados, publicados em outras línguas se não português e espanhol e/ou não relacionados com a temática da Terapia Ocupacional e Feminismo foram excluídos da revisão. Foram encontradas, ao todo, 27 produções das quais foram excluídos 18 trabalhos e selecionadas 9 referências após a leitura de todos títulos, resumos e palavras-chaves, como apresentado na figura a seguir (1):

Figura 1 – Tabela de publicações incluídas na revisão de literatura

Título	Autores	Ano	Base de dados
Terapia Ocupacional: Una disciplina para la autonomía. Prácticas y discursos de Gubernamentalidad y subjetivación en torno a una ciencia emergente	Monclús, P. L. G.	2011	Capes
Jane Addams y Eleanor Clarke Slagle: política, equidad social y ocupación desde los inicios de la Terapia Ocupacional	Morrison, J. R.	2016	Capes
Los comienzos de la terapia ocupacional en Estados Unidos: una perspectiva feminista desde los estudios de Ciencia, Tecnología y Género (siglos XIX y XX).	Morrison, J. R.	2016	Capes
Terapia Ocupacional, discapacidad y género: la interseccionalidad como apertura hacia reflexiones pendientes	Valenzuela, D. E. G.	2017	Ocupación Humana - Latinjournal
Visibilizando los cuidados desde una perspectiva feminista en Terapia Ocupacional	Sánchez, M. I. V. Frago, E. L. López, N. R.	2018	Capes
Feminismo(s) y Terapia Ocupacional.	Morrison, J. R. Araya, L.	2018	Revista Argentina de Terapia Ocupacional
Terapias Ocupacionales del Sur: una propuesta para su comprensión	Núñez, M. V. C.	2019	Cadernos de Terapia Ocupacional
Transaccionalismo, Interseccionalidad Feminista y Método Narrativo: aportes para la investigación en Terapia Ocupacional y Ciencia Ocupacional	Ferrufino, A. H. Et al.	2019	RevisbraTo

<p>Alcances y desafíos de la Educación en Derechos Humanos en la formación de terapeutas ocupacionales, a partir de la percepción de los estudiantes</p>	<p>Núñez, C. M. 2020</p>	<p>Cadernos brasileiros de Terapia Ocupacional</p>
--	--------------------------	--

Figura produzida pelas autoras

Os dados reunidos foram organizados em planilha do Excel® contendo local da publicação, título, volume, ano, nome dos/as autores/as, palavras-chave e resumo completo. Em seguida, foi realizada a leitura na íntegra de todas as publicações incluídas na pesquisa e a análise temática das publicações, cujos resultados que serão apresentados a seguir foram sistematizados nas seguintes categorias: “Relações históricas da Terapia Ocupacional e feminismo na América do Norte e na América do Sul”, “Ocupações impostas às mulheres”, “Relações de gênero e corpo”, “Práticas e vertentes feministas”.

3. Resultados e Discussões.

3.1 Perfil das publicações encontradas

Das 9 publicações encontradas, uma era tese de doutorado e as demais artigos publicados em revistas. Neste escopo foram contabilizados 14 diferentes autores, sendo que apenas dois destes são do sexo masculino. As autorias e coautorias variaram entre um e cinco pessoas, sendo que a maioria dos trabalhos foram publicados por autoria única (75%). Todos os textos encontrados estão em idioma espanhol e nenhum em português.

Em relação aos anos temos a publicação mais antiga de 2011, seguido por 2 em 2016, 1 em 2017, 2 em 2018, 2 em 2019 e 1 em 2020. Apesar da maioria dos periódicos da Terapia Ocupacional serem atuais, a busca não limitou período inicial de busca, o que pode sugerir que o tema tem estado em pauta na última década, ainda que de forma bastante incipiente, considerando os limites e recortes do estudo.

Em relação aos locais de publicação, foram encontradas apenas duas publicações em periódicos para além das revistas de Terapia Ocupacional, sendo que uma delas foi na Revista de TO da Galícia (TOG) espanhola e outra em revista do campo da história. A revista com maior número de publicações com a temática (4) foi a Revista *Ocupación Humana* da Colômbia, seguida dos Cadernos Brasileiros de TO com 2 publicações e uma publicação em cada uma das demais revistas.

Ressalta-se que outros termos são utilizados para se referir ao campo de relação entre Feminismo e Terapia Ocupacional, contudo este estudo fez a opção pelo termo ‘feminismo’ na busca de produções diretamente enunciadas a partir deste constructo. O que não significa que não haja outros trabalhos que abordem o tema no campo. Além disso, o estudo se restringiu às publicações em português e espanhol, pelo interesse em focalizar as Terapias Ocupacionais latino-americanas. A seguir será apresentado breve resumo de cada publicação selecionada.

O artigo de Monclús (2011) em *“Terapia Ocupacional: Una disciplina para la autonomía. Prácticas y discursos de Gubernamentalidad y subjetivación en torno a una ciencia Emergente”*, aborda o feminismo como uma manifestação política crítica em relação às noções de governança e poder. Aponta a hierarquia no meio científico e a ciência da Terapia Ocupacional, como uma profissão formada por mulheres, mas que foi escrita e determinada por médicos que supervisavam toda a atuação.

“Los comienzos de la terapia ocupacional en Estados Unidos: una perspectiva feminista desde los estudios de Ciencia, Tecnología y Género (siglos XIX y XX)”, é um artigo produto da tese de doutoramento de Rodolfo Morrison Jara (2014, 2016), onde é apresentado a história da Hull House, uma casa que foi palco de ações sociais e berço da Terapia Ocupacional nos EUA, junto com personalidades únicas feministas da época. *“Jane Addams y Eleanor Clarke Slagle: política, equidad social y ocupación desde los inicios de la Terapia Ocupacional”*, também produzido por Rodolfo Morrison Jara (2016), é uma reflexão sobre os ideais de figuras importantes na construção da profissão da Terapia Ocupacional. Neste artigo, a vida de Clarke Slagle juntamente com Jane Addams, é explanado suas lutas em prol de justiça de gênero e social. Ambos textos apresentam a História da Hull House, nos Estados Unidos.

“Terapia Ocupacional, discapacidad y género: la interseccionalidad como apertura hacia reflexiones pendientes” (Valenzuela, 2017) foi outra dissertação selecionada, cujo objetivo proposto foi de discutir as diferenças de gênero e incapacidade social ou física. É discutido a dificuldade enfrentada por mulheres que não possuem o corpo dentro do padrão desejável socialmente. É apresentado a luta feminista exercida por mulheres em tais situações específicas.

De forma clara e objetiva, os autores Morrison e Araya (2018), no artigo *“Feminismo(s) y Terapia Ocupacional. Preguntas y reflexiones”*, apresentam as principais vertentes feministas, histórico e ideologias das mesmas. Ainda é feito uma conexão dos ideais da Terapia Ocupacional com o feminismo.

A dissertação “Visibilizando los cuidados desde una perspectiva feminista em Terapia Ocupacional”, por Sánchez et al. (2018), aborda os cuidados como uma ocupação dada, majoritariamente às mulheres, perpassando pelas injustiças de gênero.

No artigo “*Transaccionalismo, interseccionalidade feminista e método narrativo: aportes para a pesquisa em terapia ocupacional e ciência ocupacional*” por Ferrufino et al. (2019). O artigo aponta a conjunção dos três métodos, transaccionalismo, interseccionalidade e o método narrativo como a possibilitação de análise de todos os sistemas opressores presentes no cotidiano que se apresentam de forma tênue, mas propagam problemas sérios como o machismo.

“*Terapias Ocupacionales del Sur: una propuesta para su comprensión*”, escrito por Nuñez, Cristian (2019), aponta a essência social e política da Terapia Ocupacional do Sul. Explicita a profissão como um norte para visibilização do oprimido, principalmente para mulheres em estados de vulnerabilidade em diversos âmbitos da vida.

A última publicação inserida: “*Alcances y desafíos de la Educación en Derechos Humanos en la formación de terapeutas ocupacionales, a partir de la percepción de los estudiantes*”, produzido por Nuñez (2020), descreve a educação e seus desafios na Terapia Ocupacional ao que diz respeito a Direitos Humanos na Universidade Andrés Bello no Chile. O artigo foi produzido através de uma pesquisa descritiva com os alunos.

3.2 Análises temáticas das publicações

Vertentes Feministas

De acordo com Morrison e Araya 2018, no texto “Feminismo(s) y Terapia Ocupacional. Preguntas y reflexiones dentro del feminismo”, existem várias vertentes feministas, não necessariamente com os mesmos pontos em concordância. Após o surgimento da corrente feminista da igualdade, ramificaram-se várias outras vertentes. Uma das consecutivas, criticava a igualdade de gênero, expressando que existem diferenças nas experiências de vida e que isso não poderia ser ignorado, mas integrado.

Há o movimento das “Lesbofeministas”, que critica a heteronormatividade (Morrison e Araya 2018). O “Feminismo Radical” possui como bandeira o direito de autoridade sobre seus corpos e sexualidade, destruir a hierarquia patriarcal e construir uma sociedade horizontal, este é o movimento mais visto e conhecido, devido ao esforço para chamar a atenção a causa. O “feminismo liberal”, difundido principalmente na américa-latina pela política de direita, lutam

pela igualdade da posição da mulher no local de trabalho. Porém, majoritariamente não aderem ao discurso de desconstrução do papel da mulher na sociedade, entrando em contradição com sua ementa. Enquanto que o “Feminismo Socialista” também simpatiza com a luta de classes, o “Feminismo filosófico” questiona a omissão histórica das mulheres. Um mais recente que surgiu juntamente com a tecnologia da internet é o “Ciberfeminismo”. Outras vertentes mais radicais, também vinculadas ao feminismo, visam a quebra de vínculo total com os homens que seria o “Feminismo separatista”, as ideias deste grupo exprimem que onde haverá homens e mulheres, o sistema patriarcal será o dominador, criando hierarquias de gênero (Morrison e Araya 2018).

Outras ramificações que vieram do “Ecofeminismo”, questionam os hábitos de vida não sustentáveis que atingem o meio, indo desde o consumo inconsciente até a alimentação, indo contra atos que prejudiquem o meio ambiente. O “Ecofeminismo socialista” confronta o capitalismo, ao passo que o “Ecofeminismo liberal” também confronta o capitalismo, mas defende a ideia da diferença intrínseca de gêneros.

Aunque hombres y mujeres sean diferentes biológicamente, no deben tener actitudes distintas respecto a la naturaleza, y señala que las mujeres, al igual que los hombres, insertas en el orden patriarcal, han desarrollado actitudes y estrategias que a menudo irrespetuosas con el medio ambiente (Morrison; Araya, 2018, p. 63).

O “Eco feminismo vegano” possui a diligência de também questionar a exploração animal e o especismo, que seria a diferenciação da espécie humana com os outros animais. A exploração para o consumo de carne, peles e entre outros, seria também proveniente do patriarcado, visto que busca oprimir e estabelecer um local de superioridade dentro de um grupo de seres vivos (Morrison e Araya 2018). Além destas, há o “Feminismo negro” e o “Transfeminismo”, que afere a existência de grupos com mulheres brancas de classe média.

Pelo ponto de vista da epistemologia feminista, que vai em questionamento com a epistemologia tradicional, é a de inquirir o conhecimento científico a cerca deste assunto de forma integral e verídica. Pois o que acontece com a investigação tradicional é de o pesquisador, de forma hegemônica, deixar algumas informações importantes para a história das mulheres e do feminismo, de fora de suas propostas teóricas. Os autores Morrison e Araya (2018), relata quais são os meios que as mulheres têm sido prejudicadas e excluídas no meio da ciência, desta forma em três âmbitos: O primeiro é a falta de conhecimento a respeito da mulher. É difícil se ver na literatura a mulher como protagonista de criação, incluindo na arte e na música. E assim o é na área da saúde, como na enfermagem e Terapia Ocupacional. O segundo âmbito adentra

em uma construção ideológica provinda do patriarcado em que as mulheres são complexas para o entendimento dos homens, criando então uma visão separatista de gêneros. O terceiro âmbito seria a do papel dado à mulher de educadora, que limita e exclui de certos ambientes que não se encaixam no estereótipo que envolve este papel.

De acordo com Morrison e Araya (2018) entre todas as epistemologias feministas, existem cinco, que vale ressaltar, por serem importantes para a Terapia Ocupacional. Há o “Empirismo feminista”, em que a autora Harding (1987) apud Morrison e Araya (2018), considera que o preconceito sexista é presente na ciência, e que é reproduzido e passado para outras gerações, visto que nossa formação também foi sexista, e não existe outro caminho mais claro do que perpetuar este conhecimento. Há a perspectiva de “Enfoque psicodinâmico”, onde o gênero é visto como uma construção social que influencia nas investigações. A “Teoria do ponto de vista” de Hartsock (1983) apud Morrison e Araya (2018), integra com pontos marxistas e afirma a existência de grupos mais marginalizados que outros, tendo estes a infelicidade de não serem ouvidos. Não sendo ouvidos, a ciência não os investiga, portanto, a teoria é criada a partir de um contexto supremacista que diverge da realidade em si. Já a teórica Helen Longino (1990) apud Morrison e Araya (2018), propõe seguindo a mesma linha sobre o “Empirismo feminista contextual”, critica a forma de pesquisa que é predominantemente patriarcal e não variabilista, sendo que a importância de estudar contextos diversos é importante para a construção verídica do conhecimento. Por fim, a epistemologia feminista “Postmoderna” (Haraway, 1991 apud Morrison e Araya, 2018),

Se cuestiona las categorías más tradicionales; la sujeta o el sujeto mujer, la identidad de género, elementos como la etnia, clase, entre otras. Desde allí han derivado muchas de las perspectivas interseccionales, forma de epistemologías feministas que son muy permitentes para la TO, ya que realiza un “cruce de categorías” (Haraway, 1991 apud Morrison e Araya, 2018, p. 66).

O gênero foi mais abordado e trabalhado nos anos 60, onde as pessoas eram classificadas e separadas por sexo biológico, então a partir desta visão, foi construindo-se culturalmente espaços, roupas e costumes que cada um deveria seguir. Isso, inevitavelmente, impactou ambos os gêneros, e também serviu como forma de opressão e subordinação às mulheres (Morrison e Araya, 2018).

De acordo com Morrison e Araya 2018, pelo olhar da Terapia Ocupacional podemos perceber as distinções de gênero, e mais que isso, as subcategorias de opressão que existem. Como exemplo, uma mulher branca, executiva de alto cargo, terá papéis ocupacionais distintos e com isso, acessibilidades diferentes de uma indígena que trabalha como faxineira na mesma

empresa. Portanto, há outras distinções há serem consideradas ao se discutir gênero. Por meio das ocupações é que é construído o gênero e perpassado um modelo hetero patriarcal e sexista que se tornou naturalizado nas práticas cotidianas.

Desde a infância, meninas recebem bonecas para brincar e meninos armas e carros. O que esta construção se dá afinal, se não uma distribuição de papéis sexistas a serem incutidos inconscientemente desde a imaturidade? A perspectiva feminista não precisa ser utilizada apenas quando em âmbito acadêmico, mas precisa ser incorporada nas reflexões diárias ao questionar se as ocupações cotidianas são imbuídas de sexismo, assim eliminando-as, trazendo essa responsabilidade de desconstrução indistintamente.

Relações históricas da Terapia Ocupacional e o Feminismo na América do Norte e na América do Sul

No artigo: “*Los comienzos de la terapia ocupacional en Estados Unidos: una perspectiva feminista desde los estudios de Ciencia, Tecnología y Género (siglos XIX y XX)*”. Em que o autor Morrison, Jara (2016) pontua a relevante ausência de estudos a respeito da mulher no desenvolvimento laboral e de seu lugar na história. Se tratando da Terapia Ocupacional, uma profissão majoritariamente composta e construída por mulheres, seria incoerente o protagonismo masculino. Porém, há diversas versões a respeito da Terapia Ocupacional nos Estados Unidos, tendo o homem como figura principal no desenvolvimento da profissão. Sendo assim, é importante esclarecer o contexto em que a Terapia Ocupacional se desenvolveu.

Segundo Morrison, Jara (2016), em meados de 1860 a 1890, um grupo de mulheres iniciaram uma reforma na educação que repercutiu por toda a sociedade. O trabalho delas consistia em ir até as instituições educacionais para promover o serviço em assistência para com os outros. Para tais atividades, muitas mulheres da época renegaram maridos e construção de famílias. Pela primeira vez na história a sociedade se deparava com a reivindicação feminina. Tal desenvolvimento culminou com a Revolução Industrial, substituindo a era rural cristã, o que impulsionou a implementação destes novos paradigmas. Tanto que, a igreja serviu como ponte auxiliar para a disseminação dos ideais pregados pelas mulheres de erradicar a pobreza e o sofrimento, consequentes da sociedade urbana. Sendo assim, a *Hull House*, uma casa de atividades sociais dirigida por Addams e Lathrop, se tornou o principal cenário do movimento feminista. Neste local, segundo Morrison Jara (2015), Slagle, uma das fundadoras da terapia ocupacional, estabeleceu o primeiro programa da profissão, em 1915. Este primeiro programa

consistiu em transformar as atividades voluntárias para um trabalho profissional, validando os fazeres deste grupo de mulheres e dando um lugar social para estas, que além da visibilidade buscavam a igualdade de gêneros.

A *Hull House* permitiu que as mulheres olhassem para um horizonte não matrimonial, oferecendo apoio a diversas famílias, principalmente imigrantes e pobres. Com ajuda da Universidade de Chicago, elas estudavam a situação social de seus vizinhos com dados científicos e elaboravam soluções práticas e imediatas para alterar suas realidades. Todos os âmbitos eram olhados, social, saúde, educacional e financeiro, expandindo até às mulheres trabalhadoras. Pensando nestas centenas de mulheres na labuta, creches foram criadas assim como estratégias de vínculo com os homens mais influentes do Estado.

Em seu estudo, Jara (2015) cita que a arte foi essencial para o desenvolvimento da Terapia Ocupacional. Em plena Revolução Industrial, onde os artesãos sofriam desvalorização, foram criadas oficinas de produção manual, dando a oportunidade de ressignificação para a classe trabalhadora. A Julia Lathrop, participante ativa da *Hull House*, especialista em artes e ofícios foi uma das primeiras a associar tal movimento a higiene mental e política. Político pois o ofício artesão ia contra os movimentos industriais de Chicago. Lathrop estudou direito com a ajuda do pai, que também era advogado, possuía amplo conhecimento da cidade de Chicago e fazia parte do Conselho Estadual de Instituições de Caridade. Em 1899, ela estabeleceu o primeiro tribunal juvenil para crianças menores de 16 anos, promovendo a liberdade condicional de menores infratores e não a prisão, estabelecendo uma clínica psiquiátrica para este mesmo grupo. Ela era ativa no Chicago Women's Club e na Liga de proteção de Imigrantes, além de pertencer à Liga Nacional de Eleitoras. Em 1912 fundou o Comitê Nacional de Doenças Mentais, em 1918 tornou-se a segunda mulher presidente da Conferência Nacional de Trabalho. Em 1912 foi a primeira presidente da U. S. Children's Bureau, designada pelo Presidente dos Estados Unidos e após muitos estudos lançou um programa educacional para reduzir a mortalidade infantil e erradicar a sentença de morte de menores. Julia Lathrop morreu aos 73 anos em 1932.

De acordo com Jara (2015), apesar de toda dedicação, Lathrop é uma das figuras femininas mais desconhecidas dentro da história oficial da terapia ocupacional. Além de Lathrop, Addams, Adolf Meyer e Slagle, todas ativas na *Hull House*, formavam um forte elo para tratar pessoas com doenças mentais causadas pela lastimável pobreza local. Em 1910, Slagle é indicada por Lathrop para atuar no hospital Johns Hopkins, Slagle é reconhecida como

modelo na área da Terapia Ocupacional, então retorna para Chicago e funda a primeira escola de Terapia Ocupacional.

Para a legitimação da nova profissão, as mulheres buscavam parceria com os médicos influentes, visto que os paradigmas contextuais da época não permitiriam o crescimento da profissão por si só. Combinado com a rede de mulheres, o apoio mútuo e a sororidade, fizeram com que as aspirações fossem sendo aplicadas de forma prática. Mesmo não sendo o pivô do avanço da profissão, os médicos possuíam estratégias de fazer parecer que os homens eram de fato os fundadores. As mulheres Terapeutas Ocupacionais não concordavam com a autoridade médica, mas pelo bem da disciplina, as mesmas eram habilidosas em confrontar somente quando necessário.

Susan Elizabeth Tracy foi a primeira profissional a ministrar um curso em Terapia Ocupacional. Também formada como enfermeira, é considerada a primeira terapeuta ocupacional e criou a especialização em “enfermeiras ocupacionais”, sendo a terapia uma subespecialização da enfermagem. Todavia, esta especialização não foi bem vista, pois as fundadoras da profissão ressaltaram que a Terapia Ocupacional carece de estudo social e antropológico, não apenas biológico. “Apesar de ser fundamental na construção da disciplina, Tracy não participou da fundação da profissão, [...] por suas diferentes convicções sobre quem deveria ser treinado como terapeutas ocupacionais; e devido ao seu papel de mulher.” (JARA, 2015). Tracy considerava o uso de fármacos aliados com a ocupação, segundo a mesma, assim como os remédios, a ocupação deveria ser meticulosamente prescrita.

Durante a I Guerra Mundial, a Terapia Ocupacional estava crescendo e serviu como suporte essencial para os feridos. Com isso, as mulheres ganharam mais destaque em seus papéis sociais.

Al percatarse del interés femenino, el Sargento General del Ejército de Estados Unidos reclutó exclusivamente a mujeres como ayudantes de la reconstrucción, con el argumento de que éstas podían promover la “moral y la motivación de los hombres incapacitados”. Ahora bien, aunque las ocupaciones terapéuticas para soldados heridos fueron dirigidas principalmente por mujeres, estaban bajo la supervisión de un médico varón. Los objetivos de la rehabilitación eran la incorporación de los hombres al combate o su inserción en un empleo. Así, pues, se conformó un equipo liderado por traumatólogos y conformado por terapeutas ocupacionales, fisioterapeutas y reeducadoras vocacionales. Principalmente, las ayudantes de la reconstrucción trabajaron con soldados con lesiones traumatológicas y trastornos neuropsiquiátricos: este modelo de reconstrucción se basó en el modelo inglés de Robert Jones para rehabilitar a los soldados que habían adquirido discapacidad. (JARA, 2015, p. 113).

Após a II Guerra Mundial as mulheres conseguiram conquistar uma posição importante frente aos militares que reconheceram as características únicas expressadas pela profissão. Os

homens participaram da construção da Terapia Ocupacional, mas não foram protagonistas da mesma.

Já no artigo “*Terapias Ocupacionales del Sur: una propuesta para su comprensión*” de Cristian Mauricio Valderrama Núñez é discutido o desenvolvimento da terapia ocupacional (T.O), principalmente a do Sul, a qual possui uma essência intrinsecamente social e política. As ações da profissão estão pautadas, segundo Núñez (2019), em transformar as condições que geram exclusão, desigualdades e injustiças, em algo justo e digno de maneira cooperativa. Para isso é importante a investigação e posterior intervenção das condições que promovem a existência do opressor e oprimido, cabendo ao T.O manter uma relação horizontal com este meio à fim de evitar a posição como opressor. A politização da profissão possui a mesma finalidade, de emancipar a minoria sem poder de voz de expressão e ascender um lugar a este grupo.

De acordo com Núñez (2019), a Terapia Ocupacional parte para o resgate dos conhecimentos descentralizadores de poder, desconstruindo os argumentos originários do patriarcado e do capitalismo. Esta ação repensa a realidade, pautado nas necessidades do coletivo, indo além da subordinação que têm sido imposta até então. Pensando no coletivo, é importante abordar a Ocupação Coletiva O.C, onde Núñez (2019) cita que a O.C pode ser uma forma de superação do mal estar e condições causados pela opressão.

Las ocupaciones y las distintas formas de ésta, pueden ser un catalizador de la resistencia y restauradoras de las inequidades que sufren las mujeres, y al mismo tiempo estas ocupaciones permiten superar comprensiones occidentalizadas de las ocupaciones (NÚÑEZ, 2019, p. 675)

A ocupação dada pelo coletivo pode ser um instrumento forte, utilizado como uma manifestação que repudia o sistema capitalista neoliberal, onde o individualismo é imposto, prevalecendo a competitividade.

As Terapeutas Ocupacionais do Sul possuem uma participação histórica importante com o feminismo. A T.O considera o movimento feminista como uma forma essencial de reivindicação de direitos e quebra de padrões estereotipados que são atribuídos às identidades femininas dissidentes as mulheres ou a quem se identifica com o gênero.

[...] No sumisa ni obediente, mujer fuerte insurgente, independiente y valiente. Romper las cadenas de lo indiferente, no pasiva ni oprimida, mujer linda que das vida, emancipada en autonomía, antipatriarca y alegría. A liberar [...] (TIJOUX, 2014 Apud NÚÑEZ, 2019, p. 676)

Desta forma, com a Terapia Ocupacional do Sul, há um amplo horizonte que visibiliza as mulheres em diversas situações na pobreza, negras, indígenas, migrantes, trans, lésbicas e subalternas.

Ocupações impostas às mulheres: o machismo e o sexismo

Desde a primeira fase do movimento feminista, datado de 1792, personagens importantes, como Marie Wollstonecraft, questionavam as diferenças de gênero além do biológico. A partir da percepção do posicionamento social da mulher, iniciou-se a investigação e o requerimento dos direitos sociais das mesmas, assim como políticas igualitárias de educação que promovessem a emancipação destas.

O ato de cuidar abrange vários papéis ocupacionais que perpassam pelo âmbito público e privado, desde o trabalho familiar e doméstico, não remunerado, indo até esferas de manutenção e zelo em cargos remunerados, porém invisíveis socialmente. Independente das condições, o cuidado é um papel associado ao gênero feminino. No artigo “Visibilizando los cuidados desde una perspectiva feminista en terapia ocupacional” é discutido que em uma sociedade heteropatriarcal, segundo Sánchez et al. (2018, p. 186):

El trabajo doméstico y de cuidados ha sido asumido dentro de los roles de género asignados a las mujeres. La sociedad capitalista puede sostenerse gracias a los cuidados realizados mayoritariamente por éstas. El hecho de que las mujeres hayan estado ocupándose de las tareas del hogar y los cuidados hacia otras personas, ha sostenido la posibilidad de que otros, principalmente los hombres, tuvieran un desempeño competente, con una mayor inversión de tiempo y energía psíquica y física, en ocupaciones productivas.

A dupla ocupação, resulta em escassez de tempo que seria canalizado para outros papéis ocupacionais, como lazer e desenvolvimento de áreas pessoais. Ao contrário das mulheres, os homens possuem mais espaço para realizarem outras atividades, sendo menor o risco de os mesmos desenvolverem alguma doença proveniente do estresse e sobrecarga de um duplo papel profissional.

O trabalho de cuidado exercido dentro da família não é remunerado, além de não ser considerado socialmente como um trabalho. O papel da mulher é sempre afirmado como de cuidadora enquanto que o do homem é de herói, em que constrói as engrenagens do mundo por trás da formalidade e melhor ganho monetário. Porém, o sistema patriarcal se esqueceu da co-dependência, onde o seu trabalho exercido por fora só é possível graças a alguém, provavelmente uma mulher, cuidando de seus afazeres domésticos. De acordo com Sánchez et al. (2018), essas estratégias são características do sistema heteropatriarcal que pode ser definido

como um sistema baseado na dominação de um gênero (masculino) sobre outro (feminino). Não se pode ignorar a ditadura da heteronormatividade que perpassa por esta cultura, desrespeitando ou excluindo qualquer expressão que não se encaixe neste padrão.

O mundo ocidental, dominado pelo capitalismo, apresenta uma ideia coletiva de que cada indivíduo é independente e altamente altruísta. Os trabalhos do ecofeminismo buscam desmistificar este conceito, trazendo fatos de que somos seres sociais e que, portanto, todas as pessoas dependem de outras, em menor ou maior grau, por toda a vida. Se o trabalho feito em ambiente externo possui uma finalidade de construir ou diretamente servir, sendo um elo social, o trabalho de cuidado também o é e, portanto, deve ser considerado como um trabalho. Sánchez et al (2018), cita no texto que a responsabilidade pelo cuidado não recai apenas sobre algumas mulheres e que existe uma responsabilidade conjunta da comunidade de cuidar de seus membros e do ambiente em que vivem, nisto inclui-se os homens.

Ao olhar para as diferenças e injustiças que são cometidas por gênero, não se deve esquecer das minorias incluídas neste processo, dentre elas as de baixa classe social, que não se encaixam no padrão heteronormativo e entre outros determinantes de opressão. A própria Terapia Ocupacional em si, foi criada pautada como um objeto intermédio de cuidado, majoritariamente composta por mulheres e ditada de acordo com as concepções do patriarcado. Portanto, é um ofício importante da profissão desconstruir e lutar pela igualdade de papéis entre gêneros.

É urgente que comecemos a desnaturalizar que são as mulheres que cuidam das ocupações de cuidado e para deixar de pressupor que o papel de cuidador é sempre um papel desejado e valorizado para elas, precisamos abrir espaços para podermos trabalhar sobre os efeitos que os cuidadores têm em desempenhar um papel associado e "obrigatório" para seu gênero e socialmente desvalorizado (SÁNCHEZ et al. 2018, p. 189).

Já no artigo *“Terapia Ocupacional Una disciplina para la autonomía. Prácticas y discursos de Gubernamentalidad y subjetivación en torno a una ciencia emergente”*, por Monclús (2011), de acordo com as pesquisas desenvolvidas por Latour (1992), a ciência possui personagens com características intrínsecas que ajudaram na criação da mesma. Sendo estas pessoas personagens da causa tecnológica e do desenvolvimento social, o autor afirma uma certa simetria nestas construções. Porém, o feminismo possui severas críticas relacionadas a noção de governança e das relações de poder neste meio (Monclús, 2011). Olhando pela perspectiva da Teoria do Ator Rede (TAR) juntamente com as ideias de Mclaughlin (2003) apud Monclús (2011), aponta que, longe da idéia de “nós” uniformes e não hierárquicos, a

relação entre os cientistas está longe de não ser hierárquica, sendo preciso questionar a flexibilidade do meio e reconhecer suas diferenças em sua constituição.

A Ciência da Terapia Ocupacional se desenvolveu ao longo das guerras mundiais na América do Norte, sendo criadas escolas de preparação com apoio político e militar, dando mais respaldo ao crescimento da profissão. Sendo da área da reabilitação da saúde, a Terapia Ocupacional era supervisionada por médicos que determinavam toda a sua atuação, sendo eles a ponta da cadeia hierárquica. De acordo com Monclús (2011), os trabalhos de Latour procuram descrever processos, em vez de analisar a dinâmica particular de classe ou gênero.

Por esse motivo, as feministas consideram isso uma forma de positivismo conservador ao considerar a “neutralidade dos processos que formam redes” (Mclaughlin, 2003). Nesse sentido, será importante considerar como, nos discursos e práticas da Terapia Ocupacional e da Ciência da Ocupação, as influências de gênero e classe estão tão presentes quanto em toda a sociedade patriarcal como aspectos “invisíveis” e determinantes da intervenção, reproduzindo, por exemplo, nos processos de reabilitação os padrões esperados para cada função, sem questionar de que maneira essas concepções limitam a priori a participação ocupacional das pessoas. (MCLAUGHLIN, 2003 apud MONCLÚS, 2011)

O feminismo então contesta a ideia do poder como uma ocorrência do acaso, pois os estudos não levam em consideração o contexto de gênero.

Dentro da prática interventiva em Terapia Ocupacional, o gênero também aparece como um dificultador, além do nível socioeconômico e de idade. É possível ver a diferença de tratamentos de gênero quando as atividades dadas por profissionais são voltadas para os papéis. Para os meninos são solicitados exercícios físicos, como esportes ou atividades externas. Para as mulheres o tratamento se resume em cuidados, geralmente em ambientes internos. Visto isso, é necessária uma análise crítica sobre as dinâmicas estabelecidas pautadas em papéis de gênero, com a intenção de observar o efeito que isso produz sobre a subjetividade dos sujeitos, ativamente relacionado à questão política (Monclús, 2011).

Monclús (2011), expõe a luta feminista e antirracista e o recebimento das mulheres negras para o movimento. Esta consideração possui relevância para o campo da Terapia Ocupacional pois segundo Monclús (2011), “alivia a dimensão do poder articulado na reprodução dessas categorias, como formas de governo e subjetivação, presentes na prática interventiva”. Sendo preciso colocar em pauta, antes da feminilidade, a masculinidade, a heteronormatividade, raça, classe e os papéis de gênero impostos a cada uma destas partes Monclús (2011). As diferenças dentro do processo terapêutico precisam ser acolhidas como

valerosas e positivas. Por isso se dá a importância de aliar a profissão com os movimentos que lutam por direitos iguais como os liderados por feministas, pela comunidade LGBTQ+ e etc.

Relações de gênero e corpo

No artigo “*Terapia Ocupacional, discapacidad y género: la interseccionalidad como apertura hacia reflexiones pendientes*” produzido por Valenzuela, (2017), é discutido como a incapacidade física tem sido vista pelo modelo social não como uma característica individual, mas como um ponto dotado de várias condições que ocasionam a exclusão social. Esta incapacidade encobre a exclusão que deveria ser vista e tratada a partir de um ponto de vista diferente.

A participação de Ed Roberts foi importante para o início dos estudos sobre a incapacidade relacionada ao gênero. Roberts foi um estudante da Universidade da Califórnia nos Estados Unidos que questionava as inacessibilidades que pessoas com incapacidade enfrentavam. Outros indivíduos, que se encontravam em tal situação, se agregaram e iniciaram um movimento de ocupação a aquele espaço, que até então havia sido negado para uma minoria, gerando então discussões políticas na comunidade sobre. Roberts demonstrou interesse nos estudos feministas e percebeu semelhança entre as mulheres e as pessoas que defrontavam com a incapacidade, pois ambas estão no caminho de buscar o controle sobre seus próprios corpos e vida (Valenzuela, 2017). Durante seu trajeto, ele descobriu o quão foi notório a falta de estudos a respeito do assunto, em quesito à área de Terapia Ocupacional.

Sin embargo, ¿hemos sido capaces de profundizar la compleja relación que se teje entre el género y la discapacidad desde nuestros saberes académicos y profesionales? ¿Hemos logrado profundizar en esta primaria relación de poder, que es el género, y en cómo permea las relaciones sociales y las ocupaciones? El género, como lente analítico para observar la realidad, nos mostrará situaciones que han sido históricamente producidas como ausencias, desde la construcción hegemónica y masculina de las ciencias y saberes, y que hoy es necesario hacer visibles (Valenzuela, 2017, p. 35).

Sendo a incapacidade fruto de uma construção social, que nega acessos e integração, começou a ser tratado como um assunto não só político, mas também de saúde e direitos humanos. Esta atenção ganha, facilitou os trabalhos de intervenção social individual, em pessoas que passam por dificuldades maiores.

De acordo com Valenzuela, 2017, as mulheres compartilham entre si a mesma condição de gênero, enquanto seus papéis estabelecidos socialmente, mas existe uma diferença em seus níveis de opressão. Uma mulher negra irá experienciar explorações distintas de uma mulher

branca. Isso explana mais um déficit social enfrentado pelas mulheres, além da luta por direitos iguais entre gêneros, a luta por inserção social de mulheres menos visibilizadas.

Há o outro lado também da luta feminista, uma luta exercida por mulheres em situação de incapacidade, onde as mesmas lutam pelo direito de manter suas ocupações de acordo com o senso comum, negando a deixar que o aborto seja uma prática comum, indo contra os princípios da maior parte dos ativismos no feminismo. Este mesmo grupo de mulheres, em situação de incapacidade, é atingido pela falta de informações e acesso básico de saúde, não tendo a oportunidade de decisões relacionadas ao cuidado do corpo ou de ter ou não filhos (Valenzuela, 2017).

As mulheres em condição de incapacidade que não possuem o corpo dentro do padrão estabelecido são declaradas como indesejáveis e anormais, se considerando assexuadas, reprimindo desejos sexuais e em ausência de um corpo espécime. Esta situação pode criar um estado de vulnerabilidade, onde a mulher pode ser utilizada como um objeto para satisfação sexual, sendo explorada de sua posição.

Dentro de todos os direitos humanos, a diferenciação, exclusão e incapacidade devem ser abomináveis. As mulheres recebem o papel ocupacional a ser exercido pelo resto de suas vidas assim que nascem, com a expectativa da comunidade e família. A quebra destes padrões deve ser feita, sendo as ocupações exercícios livres por direito para homens e mulheres também.

Práticas

No artigo “*Transacionalismo, interseccionalidade feminista e método narrativo: aportes para a pesquisa em terapia ocupacional e ciência ocupacional.*” é estudado e apresentado o paradigma social da ocupação, com o olhar mais amplo, investigando o indivíduo em todo o seu contexto, de forma holística, não focando apenas no problema apresentado. Este paradigma é utilizado como uma ferramenta de estudos da ocupação, na Terapia Ocupacional (TO) e na Ciência Ocupacional (CO) (FERRUFINO et al., 2019).

Da mesma forma, o transacionismo, a interseccionalidade feminista e as narrativas são métodos de contribuição aprofundadas para a TO e a CO. Sendo a narrativa o ponto de desenvolvimento entre os outros dois métodos.

FERRUFINO Et al. (2019), aponta que o transacionalismo permeia uma dualidade implícita entre o indivíduo e seu contexto. Este conceito surgiu de Dewey e Bentley, com intuito

de envolver o todo, interrelacionando a história da pessoa com suas próprias percepções subjetivas. Dewey reputa tais considerações como essenciais no saber humano.

A interseccionalidade feminista provém de uma insatisfação de um movimento, que percebeu o feminismo branco dos Estados Unidos, concentrado somente em uma parcela de mulheres de classe média. Kimberlé Crenshaw foi precursora do termo interseccionalidade, trazendo à tona boa parte dos problemas que implicavam no empoderamento feminino negro. A autora Hill Collins complementa conceitualizando uma matriz de dominação, que segundo ela "a interseccionalidade refere-se a formas particulares de opressão que se interligam, por exemplo, intersecções de raça e gênero, ou de sexualidade e nacionalidade", e nesse sentido, "a opressão não pode ser reduzida a um tipo fundamental, (...) as opressões trabalham juntas para produzir injustiça" (HILL COLLINS, 1990 apud FERRUFINO et al., 2019). A matriz de dominação, proposta por Hill Collins, possui quatro domínios: o domínio estrutural, disciplinar, hegemônico e interpessoal. O domínio estrutural está presente na organização das instituições como forma de repressão e subordinação. O domínio disciplinar pode ser facilmente encontrado nas burocracias criadas como forma de dominação, dificultando principalmente a atividade de grupos específicos, com o ideal de "Organização Social". O domínio hegemônico é aplicado em ideologias por meios massivos, como currículos escolares e religião. Já o domínio interpessoal atua no cotidiano de forma tão sutil que passa de forma despercebida.

O método narrativo aplicado metodologicamente, permite a junção do transacionalismo e a interseccionalidade feminista, através do refazer de histórias de vida das pessoas, promovendo de forma dinâmica a horizontalidade entre pesquisador e integrante. O relato de vida proporciona maior clareza e direção das realidades sociais, contextos e aspectos culturais, diretamente do observador.

Ao mesmo tempo, no processo de construção de narrativas, pode-se gerar uma tensão entre a interpelação bidirecional (esperada) e a reflexividade constante. A tensão desta proposta é gerada em torno da preocupação feminista da horizontalidade na relação que permite a/o participante expressar suas opiniões e preocupações sobre o fenômeno ou situação e, uma segunda preocupação feminista, seria de realizar uma crítica e manter uma posição política frente a certas situações. Argumenta-se que as instâncias de produções narrativas podem ser um espaço de reflexividade, mas que pode ser dificultado quando não há articulação com a pessoa que proporciona espaço para o debate e a crítica (FERRUFINO et al., 201, p. 157).

A conjunção destes três métodos possibilita a análise de todos os sistemas opressores presentes no cotidiano que se manifestam de forma difusa, mas propagam problemas sérios, principalmente quando se trata do grupo de mulheres negras. Uma investigação foi realizada no Chile, utilizando os métodos citados, com mulheres migrantes e suas ocupações. Suas

ocupações são influenciadas pela xenofobia, preconceito, racismo e relações de maus tratos. Além dos trâmites burocráticos de permanência no país, tudo se acentuando ao fator gênero feminino.

4. Considerações Finais

A análise das produções bibliográficas encontradas utilizando os termos “Terapia Ocupacional” e “Feminismo”, resultou em diferentes temáticas: “Relações históricas da Terapia Ocupacional e feminismo na América do Norte e na América do Sul”, “Ocupações impostas às mulheres”, “Relações de gênero e corpo”, “Práticas” e “Vertentes Feministas”. De forma geral, constata-se a variação de conceitos sobre Feminismo e Terapia Ocupacional, dependendo da orientação teórica, compreendendo que alguns estudos abordam o contexto histórico, a perspectiva econômica, racial, aspectos corporais e outros, o sociocultural.

Observa-se que “machismo” e “patriarcado”, foram termos discutidos em todas as produções encontradas. Os estudos apontam que o machismo é expresso nas ocupações exigidas que sejam dirigidas por mulheres. Então as distinções de gênero se classificam por meio de atividades piramidais em que colocam a mulher em um patamar de subordinação, que de acordo com as condições sociais, econômicas e culturais, pode ser um fator ainda mais agravante.

A maior parte das produções, também buscam o histórico do feminismo na criação e no campo de ação da Terapia Ocupacional, assim como sua função. O feminismo surge com a intenção de criar igualdade de gêneros, pluralidade e horizontalidade nas relações. Promovendo direitos e proteção das mulheres e identidades dissidentes.

Os movimentos da luta feminista, trouxeram diversas conquistas para as mulheres. Entretanto, ainda existe a desigualdade de gênero proveniente do patriarcado. A Terapia Ocupacional está inserida neste contexto utilizando estratégias de desconstrução dos valores sociais provenientes de uma cultura machista, inserção social de mulheres oprimidas pela posição social, cor e outras especificidades. Além de atuar na valorização dos corpos femininos não aceitos socialmente, mostrando a beleza singular de cada mulher, guiando-as no caminho do empoderamento e da autoestima.

É relevante a necessidade de mais estudos sobre o assunto, para que seja possível a criação de estratégias mais sofisticadas, assim como perspectivas teóricas integradas que melhorem a igualdade de gêneros na sociedade. Assim como em uma sociedade mais justa,

equitativa e saudável, sem violência. Compreendendo a raiz do machismo dentro das ocupações humanas para que seja fundamentada a atuação profissional da Terapia Ocupacional.

Referências:

AGUILAR BARRIGA, N. (2020). Una aproximación teórica a las olas del feminismo: la cuarta ola. FEMERIS: *Revista Multidisciplinar de Estudios de Género*, 5(2), 121-146. doi:<http://dx.doi.org/10.20318/femeris.2020.5387>

BUTLER, J. (2015) *Corpos que importam/Bodies that matter*. *Sapere Aude*, 6(11)12-16. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/9979>

DE MIGUEL, A. (2002). *Feminismos*. AMORÓS, C. (Org.). 10 palabras clave sobre mujer. Pamplona: Editorial Verbo Divino, p. 242.

FERRUFINO, A.; MIRANDA, V., JARA, R., YATES, G., & SILVA, C. (2019) Transaccionalismo, Interseccionalidad Feminista y Método Narrativo: aportes para la investigación en Terapia Ocupacional y Ciencia Ocupacional/Transaccionalismo, Interseccionalidade Feminista e Método Narrativo: aportes para a pesquisa em Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO*, 3(1)150-161. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto17010>

GRANDÓN VALENZUELA, D. E. (2017) Terapia Ocupacional, discapacidad y género: la interseccionalidad como apertura hacia reflexiones pendientes. *Revista Ocupación Humana*, 17(2)34-45.

GUTIÉRREZ, M. P., PUJOL T. J. (2015) *Terapia ocupacional: Una disciplina para la autonomía. Prácticas y discursos de gubernamentalidad y subjetivación en torno a una ciencia emergente*. Universitat Autònoma de Barcelona, p. 560. <https://ddd.uab.cat/record/129500>

VALCÁRCEL, A. (2001) *Memoria colectiva y los retos del feminismo*. NAÇÕES UNIDAS, CEPAL Unidad Mujer y Desarrollo. Santiago de Chile.

LÓPEZ, T. (2005). *El feminismo existencialista de Simone de Beauvoir*. En AMORÓS, C. & DE MIGUEL, A. (Eds.), *Teoría feminista: De la Ilustración a la globalización*. Madrid: Minerva Ediciones, S.L., p. 338.

MATIA, W. R. M. *Feminismo e. Empoderamento da Mulher na Sociedade Brasileira*. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/clio/article/view/53648>.

MORRISON JARA, R. (2016) Los comienzos de la terapia ocupacional en Estados Unidos: una perspectiva feminista desde los estudios de Ciencia, Tecnología y Género (siglos XIX y XX). *hist.crit.*, Bogotá, 62(1) 97-117. <http://dx.doi.org/10.7440/histcrit62.2016.05>.

MORRISON JARA, R.; ARAYA, L. (2018) Feminismo(s) y Terapia Ocupacional. Preguntas y reflexiones. *Revista Argentina de Terapia Ocupacional*, 4(2)60-72.

MORRISON JARA, R. (2011). “(Re)conociendo a las fundadoras y ‘madres’ de la Terapia Ocupacional. Una aproximación desde los estudios feministas sobre la ciencia”. *TOG (A Coruña)* [Revista Gallega de Terapia Ocupacional] 14(1) 1-21. <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3750945>

MORRISON JARA, R. (2014). *La filosofía pragmatista en la terapia ocupacional de Eleanor Clarke Slagle*. Epistemología e historia desde los estudios feministas sobre la ciencia. Doctorado em Lógica y Filosofía de la Ciencia Universidad de Salamanca.

NUÑEZ, C. M. V. (2020) Alcances y desafíos de la Educación en Derechos Humanos en la formación de terapeutas ocupacionales, a partir de la percepción de los estudiantes. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, 28(1)22-45. <https://doi.org/10.4322/2526-8910>

NUÑEZ, C. M. V. (2019). Terapias Ocupacionales del Sur: una propuesta para su comprensión. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, 27(3)671-680. <http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoarf1859>.

SÁNCHEZ, V., FRAGO, L. & LÓPEZ, R. (2018) Visibilizando los cuidados desde una perspectiva feminista em terapia ocupacional. *TOG (A Coruña)* [Revista Gallega de Terapia Ocupacional], 15(27)185-190.